

NOTAS DE LEITURA

DESCARADO, peça de teatro de Donaldo P. Macedo. A arrancada do teatro caboverdiano.

A arma mais poderosa de sujeição mental de que dispõe qualquer colonizador é a língua imposta, em cuja cultura se exprime, ou seja o seu imperialismo lingüístico, para manter toda a prática da vida governativa e social através do tempo, no confinamento de uma determinada terra conquistada.

Desse modo se aprofunda uma barreira, — quando essa terra conquistada se torna num novo país que se liberta, — entre os nativos que resistiram na endoglossia e aqueles que foram assimilados por diversas razões de sobrevivência. O aprendizado da língua dominante tem reflexos sociais importantes, na mira de um determinado prestígio e “status” de vida ambiente.

E foi essa barreira que sustou o desenvolvimento de uma arte poderosa de comunicação, dentro do seio do povo caboverdiano. Referimo-nos ao teatro em CABO VERDE, da raízes e expressão nativas, que não teve o desenvolvimento merecido, já que isso representava uma arma de cultura em posição de resistência, que certamente teria conscientizado a massa popular oprimida de então, e esclarecido sua situação dependente.

Podemos afirmar que em épocas passadas não se registraram notícias de encenações genuinamente caboverdianas, utilizando a linguagem e os motivos da terra, plenamente. Tentativas esporádicas de teatralidade que foram ensaiadas por amadores de talento inegável não chegaram a frutificar. Só após a nossa independência é que Kwame Kondé lançou entre nós “KORDA KAOBERDI” e que vem consubstanciando uma realização

de mensagem etno-ideológica através do teatro em CABO VERDE, de valioso significado cultural, em que o enfoque artístico se apoia nas manifestações folclóricas do nosso povo, com suas músicas, danças e expressão falada. O resultado é o alcance nacional que K.K. conseguiu, com apoteose, nas suas representações, atingindo em cheio a alma popular da nossa gente que está — se revelando dotada de predícos e pendor para o desempenho e amplitude dessa arte maravilhosa que desconhecíamos.

Com o advento nacional de uma arrancada eficiente no campo das letras e artes, finalmente aparece em forma de livro a peça “DESCARADO” de autoria de Donaldo Macedo, inteiramente escrita no idioma caboverdiano da Ilha Brava, distribuída em três atos, numa sequência equilibrada de clima e ambiente, movimentação de personagens locais com seus problemas do dia-a-dia.

D.M. imprime um colorido vital, quer na forma, quer no conteúdo da sua peça e consegue habilidosamente nos fazer penetrar no mundo íntimo onde se desenvolve a ação, que logo de entrada nos prende e mantém a atenção.

Síntese de conflitos desencadeados pela herança colonialista na exaltação do branco dentro da comunidade nativa caboverdiana de então, a cena põe a nu toda a alienação em que a burguesia local e ilhada se mergulhou, procurando a todo o custo se europeizar, mesmo que para isso o elemento metropolitano tivesse sido um marginal, ou vigarista, encoberto com a capa envernizada das boas-maneiras e pronúncia característica, tal qual o personagem Artur é apresentado na peça.

E é preciso que surja um nativo descompromissado — Nhô Djon — que viajou, regressou dos EE.UU. e se estabeleceu na terra natal, para insurgir contra a presença peçonhenta do monróngio que lhe quer apossar-se da filha Joana empregando todos os meios e ardis, até conseguir ser admitido como membro da família desse ricaço rústico e irreverente.

As cenas se desdobram naturalmente para que o observador tenha noção da terra, dos costumes, da linguagem, da vida social e das situações que se repetem na ilha. Com isso temos um panorama sob ponto de vista geográfico, folclórico, lingüístico, etnográfico e sócio-político num padrão de cultura que poderá servir para matéria de estudos e pesquisas de antropologia geral.

O predíco primordial do enredo é a habilidade criativa com que D.M. consegue encenar para o público uma intriga privada de família, que se torna popular na extensão, e aproveita do tema para desenvolver uma variedade de assuntos que, ordenados, são denúncias para a consciência ante o modo de vida asfixiante e social de uma minúscula ilha do arquipélago caboverdiano, no tempo da ocupação colonial.

A dialogação é rica de espontaneidade e variações temáticas. O domínio da língua caboverdiana com suas sutilezas emprestam um colorido

natural à trama. Para isso só um escritor nativo conseguiu tal alcance, ao empregar o idioma da terra com desenvoltura e precisão vocálica.

Os contrastes de tratamento público para com o indígena e o europeu são recursos a que o autor se recorre para realçar uma posição protestatória contra a presença e influência do dominador branco.

Esperamos que na representação, para enfatizar o engodo ou encanto do elemento estranho, — Artur —, seu falar deverá revelar composição e travo alentejanos, para que a cena tenha equilíbrio necessário e característico, já que o fulcro principal da sua atração física reside nos modos e na pronúncia do idioma que utiliza como sedução para se casar com a filha do morgado bravense.

O mesmo deverá acontecer com Nhô Djon, caboverdiano-americanizado e melhor esclarecido sob ponto de vista da submissão social. É de esperar que ele use ou pratique um entremeado de frases em inglês, mais habituais entre nossos emigrantes — (para isso o autor tem uma fonte inesgotável de termos para recolha e devida aplicação ao caso) — enriquecendo melhormente a peça, que passaria assim a ter mais uma modalidade idiomática a valorizar seu conteúdo.

Finalmente sobrem o desabafo-desconsolo do elemento nativo — Djedje —, que simboliza a denúncia dramática do seu povo, ao apontar a situação madrastra dos conterrâneos, frente ao servilismo e honrarias prestadas aos aventureiros metropolitanos, que geralmente chegavam desprovidos de tudo e em breve se tornavam senhores cobertos de poder e caprichos do mando.

E a cena termina com um "happy end", dentro dos planos preparados pela intriga calculada do mondrongo Artur, que finalmente encontra o paraíso da "terra prometida" na miséria da "terra conquistada".

Então surge o sublime, ante pendor humanizante do caboverdiano, — Nhô Djon —, que aceita, no sem-remédio, um estranho dentro da família que vai crescer com o nascimento de um neto, fruto da sua filha Joana e do oportunista bonitão, de falar agradável e de maneiras galantes trazidas da Europa.

Há que salientar o encadeamento da encenação que está dentro da feitura emocional e romântica, peculiar das famílias da Ilha Brava, terra de mornas, de trovadores, de poetas, de marinheiros e de donzelas bonitas, lânguidas, a aguardar esposo para não morrerem do "mal-de-amor" ou da saudade apaixonada.

Há que registrar, sob ponto de vista social, o oportunismo que facilitou ao colonialista condições de vencer, num ambiente negativo em que às mais das vezes o caboverdiano ou era derrotado, ou tinha de emigrar para não morrer à míngua de tudo, principalmente se analfabeto e desprovido de recursos vitais.

Merece apreço a variedade de vocábulos locais que dão vida e colorido às diversas seqüências, numa profusão rica de imagens, que vem confirmar

a suficiência expressiva da língua caboverdiana e que o autor domina e dinamiza com muita propriedade e clareza na versão da Ilha Brava.

Julgamos que a peça "DESCARADO" além de ser um documento para situar uma época dentro de uma comunidade colonizada, também se projeta como a primeira composição teatral conhecida e escrita totalmente na língua caboverdiana, com perfil devidamente delineado, sem ruptura de roteiro ou insuficiência temática que, por certo, marcará o início de uma grande viragem na representação artística caboverdiana, seja onde for, justamente agora quando está sendo iniciada a cooperação de todos nós para fundamento das bases escritas da nossa língua nacional definitivamente oficializada.

Dentro deste conceito, repetimos, entre outros nomes de escritores nativos destaca-se como pioneiro, no campo teatral, DONALDO P. MACEDO, filho da jovem República de CABO VERDE, que em 1974/75, já apresentáramos ao público, nas páginas da Revista "MORABEZA" — N.ºs 8, 9, 10, 11 e 12.

Luis Romano,
escritor e consul honorário
de Cabo Verde no Rio de Janeiro.

RODRIGUES DE AREIA, M.L. *Notes pour l'étude de l'ethnozoologie dans la culture tshokwe (Angola)*. Separata das Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa, volume X, fascículo 49.

A ciência antropológica portuguesa está entrando numa nova fase, que curiosamente se vem revelando após o período da descolonização. Começam a surgir vários trabalhos de nível relativos aos povos africanos. Entre os grupos que mais se têm destacado cita-se o do Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. Se na fase anterior podíamos destacar entre outros Jorge Dias, nesta fase nova, que se caracteriza não só por um sólido tratamento dos materiais e povos estudados, o que aliás já tinha uma certa tradição, passa agora a utilizar a teoria antropológica geral e mostra um conhecimento das grandes correntes teóricas até então não registradas.

Rodrigues de Areia, professor da Universidade de Coimbra, que recentemente defendeu tese de doutoramento sob o título "Analyse socio-culturelle d'une technique divinatoire des Tshokwe de l'Angola" (Ngonbo ya cisuka), continua publicando estudos do maior interesse sobre as culturas africanas tradicionais. Neste trabalho, que é acompanhado de boas gravuras ilustrativas do texto, o autor faz abordagem etnozoológica importante para o estudo do sistema de pensamento dos povos tshokwe, que pesquisou em Angola. Os símbolos de natureza animal completam um estudo anterior do mesmo autor sobre etnobotânica relativo ao mesmo grupo étnico. O sistema de pensamento do grupo tshokwe torna-se agora mais claro, não só do ponto de vista da "religião", como no campo da estrutura do poder.

A.A.

*

MARCELINO, Rosário. *Ibundus Vermelhos*. Luanda, Ed. do autor, s.d. [1979].

Começam a surgir novos poetas em Angola. Até bem recentemente a poesia angolana fazia-se conhecer apenas através dos integrantes das gerações de Mensagem, Cultura e de outros movimentos. Com a independência de Angola, entre os novos autores, apareceu Rosário Marcelino.

As imagens utilizadas pelo autor, a motivação e o uso da língua portuguesa, numa perspectiva evolutiva de raiz local, dão força à proposta estética da obra.

A.A.

*

SCANTAMBURLO, Luigi. The ethnography of Bijagós people of island of Bubaque, Guiné-Bissau. Dissertação de Mestrado apresentada junto à Graduate Division of Wayne State University, Detroit-Michigan, 1978. 152 p. Edição mimeografada.

A dissertação é o resultado de um trabalho de pesquisa de campo, realizado de maio de 1975 a dezembro de 1976, nas ilhas do arquipélago dos Bijagós, localizado nas costas atlânticas da Guiné-Bissau.

Na introdução, o autor relata de forma concisa a situação da ex-colônia portuguesa, desde sua independência, em setembro de 1973, até o momento em que redigiu o trabalho. Refere-se à composição étnica da população, com cerca de 30 grupos diferentes, culturas e línguas diversificadas, numa área de 36.125 km², atingindo 800.000 habitantes.

Após a introdução geral, situa o grupo Bijagós, traçando a história e origem desses 15.000 indivíduos que vivem distribuídos por 53 ilhas do arquipélago do mesmo nome. Neste grupo há quatro divisões: Orácuma, Oraga, Ogubane e Ominca. Os mais velhos dos grupos afirmam que a vida da população era melhor antes da chegada dos europeus, pois, então: "...tínhamos mais comida, a floresta era rica em frutas e o mar em peixes e moluscos. Os mais velhos não precisavam trabalhar como atualmente, pois tinham comida diariamente, oferecida por seus filhos".

Basicamente, o grupo vive da agricultura, tendo atividades econômicas complementares: caça, pesca, coleta, criação e artesanato. O principal produto agrícola é o arroz de sequeiro, plantado durante a estação das chuvas, num sistema de rotação do uso do solo, e com técnicas rudimentares. As trocas são mínimas, sendo auto-suficientes, exceto com referência a produtos não existentes nas ilhas: açúcar, tabaco, tecido e querosene.

Diferentes aspectos da vida dos Bijagós são descritos. Por exemplo: equipamentos para a vida diária, instrumentos, roupas, moradia. Depois, o autor discorre sobre o sistema político, as relações de parentesco, esclarecendo que a unidade política e econômica básica do grupo está na aldeia, que funciona como um tipo de "cidade-estado". A população em cada aldeia varia de 100 a 300 pessoas.

A descendência é matrilinear, a residência patrilocal, sendo importante o clã materno no que se refere ao direito de uso da terra, que pertence ao grupo "dono do chão", em cada uma das aldeias, de onde também o chefe provém.

O chefe da aldeia tem funções importantes, exercendo uma autoridade indiscutível no que se refere à política e à religião. Entre outras, deve exercer as funções: prestar culto diário aos ancestrais, presidir as cerimônias religiosas, administrar a justiça, controlar a propriedade da terra e distribuí-las, por ocasião do início de cada ano agrícola.

Uma das partes mais importantes da dissertação, por sua profundidade e minúcia, é o estudo da cosmologia do grupo: o autor analisa detalhadamente todas as concepções de Ser Supremo e outras divindades reverenciadas pelo grupo. São descritos os vários ritos de iniciação (masculinos e femininos), as cerimônias de culto aos ancestrais e aos mortos, que o autor presenciou. Alguns fatos, considerados como segredos, são omitidos.

No capítulo final, o autor apresenta a "personalidade do povo Bijagó", ressaltando o espírito de independência, que o tornou conhecido mesmo durante o período colonial. Alguns administradores portugueses rotulavam os Bijagós de preguiçosos e avessos ao trabalho. Sendo a produção abundante, o meio natural favorável, o mar à volta piscoso, preferiam permanecer nas aldeias, agradecendo em festas e cerimônias aos ancestrais generosos que os protegiam. A hospitalidade é um traço marcante, assim como a cordialidade; esses e outros elementos apontados, mostram ao leitor mais atento a admiração do autor pelo povo com o qual viveu durante o período da pesquisa e onde tem trabalhado até os dias de hoje.

Neste momento em que nos voltamos para o continente africano, o vizinho mais desconhecido, e tentamos restaurar a memória perdida da África, este trabalho é uma contribuição para conhecermos uma das etnias menos conhecidas na Guiné-Bissau.

Dilma de Melo Silva

RUDEBECK, Lars. Guinea-Bissau: Folket, Partiet och Staten-Om den fredliga kampen för utveckling-Nordiska afrikainstitutet-Uppsala — 1977.

Esta publicação do Instituto Africano de Uppsala, Suécia, denominada: Guiné-Bissau: Povo, Partido e Estado, escrita por Lars Rudbeck, destina-se ao público sueco interessado em assuntos africanos, especialmente a Guiné-Bissau, país que a Suécia ajudou durante todos os anos da luta de libertação contra o colonialismo português.

Evidentemente, a limitação da língua, (está publicada em sueco), impossibilita o acesso para um maior número de leitores ao material colhido pelo autor durante sua permanência na África. Contudo, fica um registro sobre a mesma, uma vez que se trata de um importante trabalho para os estudiosos em Ciência Política, pois discorre de modo preciso, como um movimento de libertação se transformou num Partido e como esse se organiza em Estado, dentro de condições difíceis após tantos anos de luta.

Rudebeck descreve o funcionamento da organização política guineense depois da independência, em 24 de setembro de 1973, discorrendo o relato em dois níveis que se completam: 1º) numa visão geral de todo o país; 2º) numa visão detalhada em Kandjadja, uma pequena aldeia ao norte da capital, Bissau.

Nos capítulos iniciais, tem-se um quadro geral do país, cuja área é pequena: 36.125 km². A população de 800.000 habitantes, essencialmente agrícola, com economia insignificante para o sistema econômico internacional, apresenta um "baixo nível de desenvolvimento" (conforme os padrões ocidentais). Ao lado dessa descrição, têm-se informações sobre como se deu a luta de libertação contra o Exército Português. Complementando, algumas referências à estratégia política do PAIGC (Partido Africano da Guiné e Cabo Verde).

A seguir, a descrição da organização do poder, dos diferentes órgãos, divididos em comitês de base, setores e regiões. Em todas essas divisões o princípio da direção é coletivo, com cinco membros, sendo que dois devem ser mulheres.

As estratégias de desenvolvimento são relatadas, a prioridade dada à agricultura, com distribuição e comercialização da produção feitas pelo Estado, através dos chamados "Armazéns do Povo". Inúmeros problemas políticos são nomeados: estímulo à produção de excedentes, intensificação do mercado interno, criação de infra-estruturas; todos direcionados para uma necessidade de elaborar um planejamento racional e eficiente para que todos, de todas as etnias, contribuam e participem.

O autor levanta, também, a questão da utilização da tecnologia ocidental, vinda via ONU, ou Comunidade Européia; salientando que essa "ajuda internacional" pode levar a uma nova forma de dependência. O Estado deverá estar atento para que as "formas de cooperação" não se transformem em "formas de penetração".

O material da pesquisa foi colhido pelo autor na aldeia de Kandjadja, através de entrevistas e observação participante — viveu alguns meses no local — e possibilitou a Rudebeck traçar uma visão bastante minuciosa do processo de desenvolvimento político, na prática diária, na resolução de problemas concretos da população. Há descrição dos encontros, assembléias populares, sistema de encaminhamento de decisões. Tudo isso com abundância de gráficos, quadros, fotos, estatísticas, desenhos explicativos, muito ao gosto sueco pela precisão e rigor das informações.

Como indagação, após a leitura da obra, nos fica uma declaração do responsável político da aldeia pesquisada, esclarecendo sobre as relações entre o povo, partido e o Estado:

“...Aqui não há nenhum Estado. Nós mesmos somos o Estado. O que pode fazer o responsável político sem o comitê de base? O que pode fazer o comitê de base sem o povo? Aqui em Kandjadja, todos juntos, homens e mulheres é que somos o comitê.”

Numa época em que as relações de poder são discutidas, questionadas, é oportuno o conhecimento de realidades sociais onde existem alternativas para a participação de todos nas esferas de decisão.

Dilma de Melo Silva

TRAORÉ, Bakary. *Le Théâtre Negro-Africain et ses Fonctions Sociales*. Paris, Présence Africaine, 1958.

Trata-se de um dos raríssimos estudos em sociologia do teatro, apresentado originariamente como tese, orientada por Roger Bastide. Para Traoré o teatro, como todas as artes, deve responder às necessidades do indivíduo, fundamentalmente às necessidades de antecipação — “o teatro deve construir a ordem futura”. Deve ser observado dentro de um quadro de valores, e abordado como fato social onde o estudo de suas funções sociais torna-se o centro de preocupações sociológicas do teatro.

Passa a analisar as origens do teatro negro africano ressaltando sua base religiosa, pois esta ritualiza a existência através de cantos e danças, principalmente em momentos de iniciação. Por sua vez, o próprio drama favorece, em grande parte, a religião, ao utilizar como temática, mitos e lendas, comparando-se, desse modo, à própria origem do teatro grego. Traoré afirma que, em sua origem, este teatro adquiriu uma importante função social como elemento integrador e aglutinador de indivíduos, promovendo intensa coesão social e tornando-se espelho exemplar de costumes, hábitos e condutas.

Traoré se detém a analisar o teatro negro africano, de expressão francesa, destacando o papel da Igreja cristã, que se utilizou da expressão dramática como recurso pedagógico, “destruindo tudo que se referisse a uma autêntica arte indígena”. Enquanto em sua origem o teatro atingia finalidades como a solidariedade e manutenção das tradições, conscientizando o homem de seu espaço e de suas obrigações sociais, já no século XX adquire uma maior diversificação de suas funções sociais. Com a colonização, os “evoluídos” se radicaram em associações onde se representavam peças fran-

cesas, relegando o verdadeiro teatro negro africano ao "asilo da barbárie." O autor ressalva, então, o papel da escola de William Ponty, implantada com a função de reintegrar o africano ao seu meio. Contudo, o teatro incentivado por esta escola acaba por manifestar uma visão de mundo aristocrática, tendo por função apenas reforçar a coesão dos alunos, servindo de instrumento socializador da administração colonial.

Hoje o teatro negro africano se defronta com um duplo problema: de um lado a necessidade de utilizar traços culturais de origem; de outro, retratar problemas de aculturação, sendo este teatro difundido, principalmente, pelo ensino leigo e religioso.

Em termos de conclusão, Traoré aponta as dificuldades de se classificar as áreas geográficas para melhor identificação das cores locais do teatro, acusando a ausência de uma documentação sistemática sobre toda a África Negra, o que impossibilitou uma conclusão mais objetiva de seu trabalho. E após assinalar rapidamente a situação social do teatro negro no Haiti, EUA e Brasil, propõe um teatro negro africano, cuja principal função é a de recriar uma nova estrutura das antigas festas, reintegradas devidamente na comunidade tribal; teatro realizado sob uma nova forma, de acordo com as novas necessidades e novos valores da sociedade urbanizada, cobrando do mesmo um total engajamento nas lutas de emancipação da África Negra.

Timochenco Wehbi

MAGNIER, Bernard. 1800 titres de littérature (Afrique. Antilles. Ocean Indien). Paris, Notre Librairie, n° 64, avril-juin 1982.

Organizada por Bernard Magnier e reunindo 1800 títulos, além de uma série de resenhas de obras fundamentais, esta publicação torna-se desde já um título de referência obrigatório para todos os interessados na literatura africana escrita em língua francesa do continente africano, das Antilhas e do Oceano Índico, além de conter um anexo com as principais obras escritas em língua inglesa e portuguesa, traduzidas para o francês. O trabalho está dividido da seguinte forma: obras de referência: bibliografias, antologias e obras críticas; textos literários: romance, poesia, teatro, conto, lendas e textos tradicionais.

Dado o grande interesse que começa a se manifestar em vários centros por essas literaturas e na medida em que o estudo sistemático dessas literaturas só agora toma corpo, trabalhos como o de Magnier são extremamente importantes, pois possibilitam não só aos interessados, mas também ao grande público, o acesso a uma literatura ainda pouco divulgada.

A.A.